

ALPHASTOPHILES

CORTE

Anno 16\$000
 Semestre 9\$000
 Trimestre 5\$000

RUA NOVA DO OUVIDOR Nº 19.

PROVINCIAS

Anno 20\$000
 Semestre 11\$000
 Avulso \$500



Para ser agradavel a Deus é preciso sacrificar esse cordeiro.
 O Apostolo declarando que o povo nada soffreo da policia no dia 13 não darã clara-
 mente a entender que o que elle quer é que se dê cabo d'elle de uma vez?.....

Mephistopheles.

REGAÇOS A PENNA

Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes obras.

Ao Sr. E. G. POSSOLO. — *Anchieta*, poema do nosso festejado poeta Fagundes Varella.

Em o proximo numero trataremos especialmente d'esta publicação.

Ao Sr. J. F. COUTINHO — As suas ultimas produções musicas intituladas — *Oração á Virgem*, *Beija-Flor*, valsa; *Aurora Feliz*, polka.

Tem tantos bemões que ainda não conseguimos tocar, mas deixe estar que havemos de dizer brevemente o que achamos.

Ao Sr. A. JULIÃO — Sim.

Ao Sr. Z. O. — Não.

Ao Sr. BEMTEVI — Nem sim, nem não.

Telegramma.

Foi-nos hontem communicado por telegramma particular que Sua Alteza Imperial dera á luz um Principe.

Transmittindo esta agradável noticia aos nossos assignantes, saudamos S.S. A.A. por terem no augusto recém-nascido mais um penhor de sua felicidade conjugal.

CHRONICA DA SEMANA

Rio, 16 de Outubro de 1875.

ESTREOU afinal o Sr. Pin; já ia sendo tempo. Era preciso que o ministerio ficasse bem certo se tinha ou não no novo chefe um bom capanga para as futuras eleições, e por isso elle estreou.

O resultado foi bastante satisfatorio e o Sr. Diogo Velho deve estar contentissimo; o Sr. Pin já lhe provou que é um excelente guarda-costas e um bom chefe de phosphoros.

O spectaculo de quinta-feira acreditou completamente o novo chefe.

* * *

Tratava-se da representação dos *Lazaristas*, drama que uma sociedade particular queria representar COM SEUS SOCIOS e para seus socios.

Tanto á policia como ao conservatorio negam as nossas leis o direito de intervir em spectaculos d'esta ordem, mas deixou-se de parte a lei, e os Srs. Pin e João Cardozo, de mãos dadas, prohibiram o spectaculo.

As pessoas, que tinham ido para applaudir os *Lazaristas*, apenas poderam assistir á deploravel tragedia que nos deu a policia e que tem provocado da parte de todas as pessoas sensatas a mais justa indignação.

* * *

Quem passasse na quinta-feira á tarde pelas immediações do theatro S. Luiz acreditaria por certo que a cidade estava em sitio; e no emtanto tratava-se apenas de prohibir um spectaculo.

A's seis horas já a directoria da sociedade tinha aceitado a intimação e tinha dado palavra que n'aquella noite não faria tentativa alguma com o fim de dar a representação; estava portanto satisfeito o estulto capricho do Sr. Cardozo de Menezes.

Esta declaração, porém, não foi sufficiente para que se retirasse a força armada; era preciso satisfazer outro capricho. O Sr. Dr. Pin não podia deixar de aproveitar a occasião de bem patentear o quanto mereceu a chefia d'essa policia desmoralizada e provocadora, d'essa policia composta em grande parte de criminosos que buscam a farda para evitar a enxovia, e por isto conservou a sua força, animando-a além d'isto com ordem franca de espaldeirar o povo, de dispersal-o a cutiladas!

E a policia cumpro á risca esta ordem, foi ella a primeira a provocar!

Espaldeirou indistinctamente homens, mulheres e crianças que nada fizeram, que nada tentaram.

Não escrevemos por informações, não; nós presenciemos todos os horrores praticados por essa horda de bebados e fascinoras arvorados em mantenedores da ordem publica.

* * *

Em todo mundo civilizado a policia é feita por cidadãos honestos e de comportamento afiançado. Entre nós o urbano é quasi sempre o rebutalho da sociedade, é o vagabundo, o jogador, o peralta, o bebado, o criminoso e é a esta gente que commanda o Sr. Dr. Pin, é a esta gente que elle dá ordem de esboroar, de cutilar a nossa pacifica população! e a policia cumpre esta ordem, porque está

certa de encontrar apoio no seu digno chefe!

E' portanto o Sr. Pin de Almeida o unico responsavel por todo o sangue derramado na noite de quinta-feira, a menos que o Sr. Diogo Velho não lhe queira roubar alguma gloria, conservando-o no seu posto.

* * *

Quer nos parecer que o Sr. Diogo tem suas disposições para participar das glorias sanguinolentas do Sr. Pin de Almeida. O editorial que o orgão official do ministerio consagra a esta questão assim o deixa suppôr.

Ja previamos que o *Apostolo* trataria de justificar o procedimento insolito da policia; não esperavamos, porém, que com tanto arreganho procurasse a folha jesuitica servir os seus fins, desmentindo factos publicamente notorios.

E' admiravel o desplante com que o *Apostolo* desmente o *Globo*, *Reforma*, *Jornal*, e *Gazeta* e lamentamos que o organ lazarista leve o seu cynismo a ponto de inventar circumstancias de que nem mesmo a *Nação* se lembrou!

Desengane-se, porém o *Apostolo*, os factos praticados pelos agentes do Sr. Pin foram bastante publicos para que ninguem dê credito ás invenções com que se os procure innocentar.

* * *

Tome embora o *Apostolo* a defesa do Sr. Pin de Almeida, mas faça-o com mais criterio e menos insensatez.

Procurar negar a ineptia do Sr. Chefe e as barbaridades commettidas por sua gente, é expôr-se a perder o credito que toda a imprensa deve inspirar, porque pôde haver entre os leitores do orgão lazarista alguns que, como nós terão testemunhado que foi da policia, em grande parte embriagada, que partio toda a provocação e desordem, e esses terão visto que não foi nem *Globo*, nem *Reforma*, nem *Jornal* e nem *Gazeta* que mentiram, mas sim o *Apostolo* que mentio muito calculada e impudentemente, sem todavia prestar serviço algum á sua causa, porque quando se despreza tão levanamente o seu credito nunca se o poderá inspirar a alguém.

Tome portanto o *Apostolo* um bom conselho, seguindo este ou aquelle programma, nunca se afaste da verdade, por que...

* * *

... e nós a aconselharmos ao *Apostolo* que

não se afaste da verdade, isto é pedir-lhe que se afaste completamente do programma!

Ora, ali está uma que só poderia lembrar a

PAMORPHIO.

P. S. — Attendendo a todos os attentados praticados por ordem do Sr. Chefe de Policia, á ineptia com que se tem havido este Sr., e á má cópia que deu de si, pedimos a sua demissão.

Não querendo suppôr que o Sr. Diogo Velho seja complice do Sr. Pin de Almeida esperamos obter esta demissão como uma expiação de todos os crimes que por ordem do Sr. Chefe foram perpetrados.

P.

Agora que o Sr. chefe revela suas qualidades *activas* e dá um pontapé nas *passivas*, julgamos opportuna a occasião para fazer lembradas as seguintes linhas estampadas no *Mequetrefe*:

„ Dirigimos-nos a S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia.

„ Quando S. Ex. chegou do norte do Imperio assumio o cargo de chefe de policia da côrte, em outra secção do nosso semanario chamamos a sua attenção para o modo porque se fazia policia, e o modo porque se tratava de sophismar a lei.

„ S. Ex. não nos quiz ouvir.

„ Dissemos a S. Ex. que em todas as ruas se jogava, tirando-se excessivos baratos; S. Ex. não ligou importancia á nossa denuncia e o jogo continúa nos salões, nos hoteis, nas casas de mulheres de má vida, e nas espeduncas!

„ A policia sabe aonde se joga, tem ido procurar os gatunos nas tavolagens; porém os urbanos dão o braço aos jogadores de *verme-lhinha*, e os poderosos da terra banqueteam-se nas mezas dos banqueiros da *roleta* e *lansquenet*!

„ Não é na postura da Illma. Camara Municipal aonde a policia encontra obstaculos para perseguir essas casas em que se perde o dinheiro e o brio, escolas do crime, capazes de corromper a mais pura das sociedades; não, não é nas posturas municipaes aonde está o embaraço, elle existe é verdade; o Sr. Dr. chefe de policia talvez receie encontrar com os baralhos nas mãos aquelles que deveriam legislar para que esse vicio fosse abolido entre nós.

„ Não é o dinheiro que lá vai perder o filho de familia, o que faz mal, é que atraz do jogo o estudante abandona seus estudos, o caixeiro furta, o commerciante arruina-se, o medico sacrifica a sua sciencia nas vigi-

lias, o magistrado perde a força moral; e, diante do panno verde da tabolagem cahem todos os caracteres para erguerem-se ladrões e assassinos, e aquelles que assim não ficam e que não podem dominar a paixão do vicio? fallam por nós essa serie de suicidios, cujos pormenores a policia só poderia encontrar, se levasse as suas averiguações mais adiante que dos papeis que encontra nas algibeiras desses desgraçados, que puderam abandonar a vida com todos os encantos com que se prendia á familia e ao mundo, e que não foram capazes de dominar a corrupção que lhes lavrava na alma.

„ Na cidade do Rio de Janeiro, joga-se dia e noite.

„ Si a policia não quer perseguir, tem centenaes de meios ao alcance para cohibir os abusos; de muitos delles lançou mão o honrado magistrado que occupou antes do Sr. Pin e Almeida a chefança de policia dessa côrte.

„ O que fazem seus delegados?

„ Nem só os relatorios dos inqueritos constituem a obrigação policial de um delegado.

„ Pedimos em nome da lei e da moral, que sejam tomadas as providencias contra o jogo desenvolto desta côrte; não tema o Sr. Dr. Pin e Almeida que possa ferir interesses de banqueiros agaloados, veja apenas que se compromette deixando que se affronte desse modo a moralidade de uma capital.

(Do *Mequetrefe*.)

Theatros.

Emquanto se negou licença para a representação da *Tymbale d'argent*, permittindo-se que se representasse a mesma opereta com o titulo *concours de musique*; emquanto se permittiu que no Alcazar se representasse *La jolie parfumeuse*, negando-se a outro theatro o consentimento para a representação da mesma peça; emquanto, finalmente, depois de licenciar-se os dramas *Apostolos do Mal*, *Judeu Errante*, *Jesuita* e *Ganganelli*, reprovou-se os *Lazaristas*, o conservatorio dramatico não nos mereceu senão um sorriso de piedade pelo papel ridiculo que estava representando.

Hoje, porém, as cousas mudam, e o sorriso de compaixão que nos merecia apenas essa instituição ridicula transforma-se em rictus de indignação.

O que se tem passado a proposito da representação dos *Lazaristas* sabem todos, não

só pelas noticias da imprensa diaria, como pelos gemidos das victimas e pelas marcas de sangue impressas nas calçadas das ruas e praças vizinhas ao theatro S. Luiz.

Não repetiremos, pois, o que toda a imprensa, com excepção apenas d'aquella que põe de lado os interesses da humanidade para defender os interesses proprios, tem dito reprovando o acto brutal praticado pela policia do conservatorio dramatico.

Mas unimo-nos com ella na sua justa indignação, para declarar conscienciosamente o conservatorio dramatico responsavel pelo crime, pois que crime é, praticado a seu mando pela policia.

÷

A tragedia sangrenta que a policia, de mãos dadas com o conservatorio dramatico, tem representado nas ruas e praças da cidade, afungentou dos outros theatros o publico amedrontado.

Por isso as representações nesses theatros correram frias, e passaram quasi desapercibidas.

Em compensação têm regorgitado as sacristias dos lazaristas, onde diariamente se representa ao vivo o drama que o Sr. Ennes tão habilmente passou para o theatro.

E' que nessas sacristias, theatros para cujas farças não ha conservatorios dramaticos, mas onde abundam os joãos cardosos, as representações terminam sempre com uma scena comica ou com a cançoneta — *Quedellas chaves*, cousa que diverte sem ensinar, e que sobretudo embutrece o espirito, alvo que tem em vistas o jesuitismo, a policia e o conservatorio.

GIUSEPE DIAVOLINO.

Do Deus dará

Não tivemos os *Lazaristas*, o conservatorio prohibio; mas tivemos os lazarentos, que a policia nos deu.

E' sempre assim, a gente espera uma cousa que preste e afinal tem uma que não presta.

Esperava-se um drama bem escripto e teve-se apenas uma deploravel tragedia.

Parabens ao Sr. Pin e elle que os reparta com o Sr. Diogo Velho.

+

Afinal de contas deve estar bem satisfeito o Sr. Ennes.

Nenhum drama teve ainda igual successo.

Em quanto muitos outros morrem na terceira ou



ASPECTO DA RUA DO THEATRO NA NOITE DE 13 DE OUTUBRO.

A cavallaria policial e o corpo de urbanos acutilaõ cobardemente o povo cujo crime consistiu em passear tranquillamente pelas ruas.



O povo fluminense - verdadeira manada de carneiros - foge espavorido diante dos assassinos policiaes.



Virá porem um dia em que talvez este povo, perdendo a paciencia, se transformará em leão e então... Não lhes digo nada.



O Principe do Graõ-Pará, nascido no dia 15 de Outubro, bastante a tempo para assistir as facanhas dos altos politicos de sua terra.

- Assim! queridos Urbanos! Acabem com este povinho herege
- Mas isto ainda é pouco, é apenas um ensaio de uma S. Barthelemy brasileira.



Varias senhoras foram feridas por esses bandidos; uma das quaes succumbiu poucas horas depois.

O 'Apostolo, declara que lido quanto disseram os jornaes sobre o conflicto-lazarista é uma mentira.
Achaste pouco?... Ah velhaco!



O povo fluminense offereterá um trophéo d'armas a Ex o chefe dos assassins.



O Diario do Rio, nem palavra sobre os acontecimentos.
Parece-nos que recbeo do Governo... ordem para se calar.

Quanto a opinião da 'Nação' sobre o conflicto, ja se sabe, vem de pessoa bastante autorizada para não merecer o menor valor.

A imprensa em pero cahe em cima do humanitario chefe.



- Nos meus braços querido chefe, ja vejo que você é o homem que serve para as futuras eleições



e as consequencias não serão lá muito para que digamos.

quarta recita, obtem os *Lazaristas*, mesmo sem ir á scena, a mais geral aceitação.

+

Logo no conservatorio dramático começou o successo dos *Lazaristas*.

Votaram pela licença os Srs. Victorino de Barros e Felix Martins.

Os outros membros votaram contra e nisto consiste a maior gloria para o Sr. A. Ennes.

+

Quando eu digo que os outros votaram contra, quero dizer que votou contra o Sr. Cardozo de Menezes, por que o Sr. Taunay tem sempre a innocencia de votar com o presidente e portanto não tem opinião; o Sr. Machado de Assis mal começou a gaguejar seu parecer foi logo interrompido pelo Sr. João Cardozo, e ficou um parecer que parecerá tudo quanto quizerem, menos um parecer.

+

Ao tratar-se da votação da licença do drama, perguntou o Sr. João Cardozo ao Sr. Machado de Assis.

— Então. V. como vota?

— Eu entendo que o *dadrama* não é immoral, mas que é *caca paz* de provocar *baba rulho* e que a *popolicia de de de*.....

E aqui engasgou-se o homem de maneira a deixar seu parecer que *pa pa rece tu tu do me me* nos parecer.

+

Um facto bastante notavel. Na quinta-feira esteve toda a policia empregada em prohibir o espetaculo, espaldeirar o povo etc., etc.

Não havia urbano que não estivesse nas immedições do S. Luiz; no resto da cidade nem um havia para mesinha e os jornaes do dia seguinte não tiveram a registrar nenhuma só proeza dos gatunos e larapios.

Não quero com isto dizer que... não, nem sombra de allusão vai no que aqui escrevo; simplesmente noto a coincidencia, aliás bem singular.

+

Ha muito quem tenha estranhado o voto do Sr. João Cardozo sobre os *Lazaristas*.

Para fallar com franqueza, desde que o illustre presidente do conservatorio fez substituir a phrase — *embrassons-nous* pela — *baissons-nous*, nada mais posso estranhar daquelle homem.

+

O Sr. Machado de Assis encontra-se com um amigo chegado da Europa e perguntou-lhe:

— Então divertiu-se *babastante*, viajou *mumuito*?

— E' verdade; viajei um pouco; vi grande parte da Europa. V. é que não tem viajado nada?

— *Tetenho sempre viviajado*: fui a *Vavassouras*.

Ahi está uma innocencia que esqueceu ao Sr. Taunay!

D'HARLECCHINO.

Galeria Alcazarina.

VIII

AS DUAS INGLEZAS.

Não têm nome, pois nunca foram baptisadas.

Uma conta 22 annos de idade, e a outra 25.

Entretanto são gêmeas, filhas da mesma mãe e do mesmo pai.

Aquella differença vem de ter uma nascido depois da outra.

Não obstante isto, a gente, ao vel-as, acredita que ha alguma membrana que as liga entre si.

Andam sempre tão agarradinhas, que lembram logo os dous irmãos siamezes.

Se em vez de serem figuras animadas, não fossem mais do que duas pinturas, seriam quando muito dous pasteis.

O pintor que quizesse retratal-as só tiraria bom resultado pintando *aguachas*.

Dansam a *giga*, e dansam bem, afóra o sorriso obrigado das dansarinas, o que é nellas uma careta.

São fortes na gymnastica, quer na aería, quer na *parterre*.

Não acompanham com ninguem, nem consentem ninguem á sua mesa; por isso não se sabe ao certo o que ellas comem.

Ha mesmo quem assevere que nunca comeram.

Isto ha de ser pêta.

Não são casadas, nem viúvas, nem solteiras; mas é proverbial a sua fidelidade conjugal.

Quando caminham na rua, caminham sempre uma atraz da outra, o que lhes dá a apparencia de uma embarcação de dous mastros.

Não têm mealheiro em casa para guardar as suas economias; mas juntam-n'as em um pé de meia.

Historia dos Rotchilds.

Têm ambas uma mania que attrahe a curiosidade das comparsas: usam muitas algibeiras nas saias.

Nunca sahem de casa sem guarda-chuva, que abandonam sómente para entrarem na scena.

São pontuaes aos ensaios e ao pagamento do aluguel da casa.

No mais, fallam inglez, mesmo quando cantam em córos nas peças francezas.

Uma ultima pincelada:

Não usam de perfumes, nem gastam pó de arroz.

IX

MLLE. HUMBERT.

E' um nariz vestido de mulher.

Mas um nariz imponente, um nariz completo, com olhos, e boca e tudo mais que nelle se pendura.

Felizmente para a humanidade, aquelle nariz não espirra: um espirro delle seria um tiro de canhão.

E aquelle nariz canta.

Unicamente, para ouvir o que elle canta, é mister sentar-se a gente lá dentro delle.

Tão pouco se lhe conhece sexo.

E' talvez um nariz androgino.

Admira que a policia não tenha feito pesquisas ácerca daquelle nariz disfarçado em mulher.

Mas cumpre convir em uma cousa:

Semelhante nariz não é destituido de graça.

E cumpre tambem fazer-lhe uma justiça: Não toma tabaco.

X

MLLE. CLARA.

De uma de suas personagens nos *Misera-veis* diz Victor Hugo, para demonstrar-lhe a magreza:

„ Muito pouca carne; um pretexto apenas para que uma alma exista na terra. “

Aqui dá-se o contrario:

E' muita carne.

Muita carne, servindo-lhe de pretexto a alma.

Uma alma gorda, uma alma lardeada, e com grandes nacos de toucinho.

Quando se veste de branco....

E anda quasi sempre vestido de branco. quando se veste de branco parece um ovo duro.

Um ovo sem gemma, mas em todo caso um ovo.

E' massiça.

Está sempre a rir-se.

Entretanto não tem razão para o fazer.

Quando falla, lembra esses balões de gutta-percha, que espremidos, fazem soar uma gaita.

A sua alimentação é sobria: não come outra cousa senão *andouillettes*.

E' filiada da sociedade Temperança, de Londres: não bebe cerveja senão nacional, com receio de infringir os estatutos.

Tem talento para o theatro; mas não se encarrega de papeis difficeis para não comprometter o autor da peça.

Modestia, no caso!

Para a musica é que não tem muita vo-

cação, tanto que anda sempre assoviando, mas quando assovia desafina.

Não obstante já provocou uma paixão, cantando a unica cançoneta de seu vasto repertorio.

Ao seu talento deve as *Proezas de Nhô Quim* a nomeada que tem.

A peça cahiu, mas não foi culpa della.

Consta que padêce de solitaria.

E tanto que um medico inglez espera ancioso a sua morte para extrahir-lhe o bixo, que destina ao museu de Londres.

Qualidade domestica :

Faz *tricot* nas horas vagas.

No mais é um bom rapaz.

GRYPHUS.

RETOQUE. — No nosso primeiro perfil dissemos que Melle. Salinas cheira a sandalo.

Houve engano :

Pelas experiencias chimicas a que se procedeu verificou-se, que, se Melle. Salinas cheira a alguma cousa é á santidade.

Para encher linhas

Eram 11 horas da manhã, o dia estava lindo e eu ia dar começo a encher de linhas algumas tiras de papel quando pela porta a dentro embarafustou-me o Pestana.

Vinha pallido, abatido, com o trajo em desordem o laço da gravata á cata da orelha esquerda, como se quizesse dizer-lhe um segredo, o cabello em desalinho etc.

Atirou o chapéo a uma cadeira, sentou-se n'outra, e bufou

— Uf!!

— Que é lá isso rapaz que te aconteceu ?

— Escapei de boas, quizeram amortalhar-me

— Quem ? homem !

O padre Leandro, o Neves e o Jeronimo. Salvou-me o Socrates

— Quem é o Socrates ?

— O meu gato

— O' Pestana, estás bem certo que estás em teu juizo ?

— Se queres que te diga a verdade, eu mesmo não sei. Escuta e julga; mas não me interrompas.

— Vamos lá com isso.

— Ante-hontem á noite vieram dizer-me que o Neves estava a expirar. Corri a casa do infeliz, que nem ao menos esperou-me para trocarmos o ultimo adeus; tinha morrido.

— Pois que! morreu o Neves ?

— Sim meu caro, e sem que seja noticia corriqueira, ou caso já muito sabido, morreu o Neves !

— Coitado, era um bom rapaz !

— Adeus, ahi vens tu com a costumada trivialidade !

Encarecer as qualidades de um morto hoje tornou-se um pleonasmio; deixa isso para os carpidores vulgares.

„ Junto á cabeceira do morto estava o padre Leandro e o velho Jeronimo, escravo que fôra do Neves e que, não obstante estar de ha muito liberto, nunca deixara a companhia do moço.

„ Ao ver aquelle corpo hirto immovel e macillento e lembrando-me do que fôra, não me pude eximir de pagar o tributo devido á sua memoria, chorei e rezei.

— Pobre amigo— exclamei— ainda ha pouco tão cheio de vida, tão alegre, e agora eis-te-ahi frio, sem movimento, morto!..

— Acho conveniente — disse o padre Leandro — vestil-o já, antes que os membros endureçam.

„ Seguimos o conselho do padre e pozemo-nos a vestir o defunto. Fui eu que lhe enfiei a camisa e lhe cerrei as palpebras que elle teimava em tel-as abertas.

„ Passei a noite velando n'aquelle recinto da morte

„ Hontem acompanhei os restos mortaes ao cemiterio d'onde, só voltei quando o caixão desapareceu. sob a terra da sepultura.

„ Não estava disposto a ir á parte alguma, fui para casa e durante o resto do dia só pensei no Neves, sua morte enterro etc.

„ Socrates miando em torno de mim exigia o tributo costumado das minhas festas e caricias; não lhe dei attenção.

„ E estava fatigado, opprimia-me um mal-estar esquisito com o qual eu não sabia o que queria ou o que me faltava, conhecendo todavia que alguma cousa me faltava.

„ Estendi-me no sophá, tomei ao acaso um livro de cima da mesa e ia abril-o quando senti ranger a porta e vi tres figuras que nas pontas dos pés para mim caminharam. Eram o padre Leandro, o preto Jeronimo e o Neves! O proprio Neves que eu vira morto, fechára as palpebras e assistira á desappareição do caixão que encerrava o seu cadaver !

„ Quiz gritar, o som morreu-me na garganta; quiz erguer-me, um poder extranho e sobre natural me tolhia os movimentos.

„ — Pobre amigo, disse o Neves, ainda ha pouco tão cheio de vida, tão alegre e agora, está frio, sem movimento, morto!... “

„ — Acho conveniente, disse o padre, vestil-o já, antes que os membros endureçam.

„ O Jeronimo encaminhou-se para a commoda e poz-se a escolher a roupa que deviam vestir-me.

„ — Quero fechar-lhe os olhos, disse o Neves, toca-me esse dever.

„ Elle de facto baixava-me as palpebras que eu teimava em abrir.

„ A cabeça zunia-me com som estridente, como os de um salão de baile mascarado na terça-feira gorda.

„ E' possivel que eu morresse sem sabel-o e sem dar por isso ? Tentei de novo gritar áquelles barbaros que eu estava vivo, que me deixassem tranquillo. Em vão, todos os meus esforços forão inuteis.

„ Nisto apresentou o Jeronimo a roupa e elles já iam dar começo á operação, quando senti um choque que me fez dar um salto.

„ Desfez-se a illusão, o dia entrava-me em torrentes de luz por toda a parte; acordára de comprido somno e durante elle fôra victima de um pesadelo horrivel; o choque que me livrára de uma situação tão critica fôra um pulo que sobre mim déra Socrates, talvez reparando que ultrapassava as horas do somno.

„ Vesti-me á carreira e venho ter contigo para certificar-me se estou vivo realmente.

— Estás, não ha nisso duvida alguma, a menos que...

— A menos que?...

— Não seja eu que agora esteja sob o dominio do pezadelo.

— Não, não estás.

— Bom; depois?

— Depois para dares-me de almoçar.

— Da melhor vontade, ficamos quites, pois se me esvazias os pratos encheste-me as linhas.

INTRUSO.

Io t'amo !

Tu me dis, j'aime — et d'une voix si tendre !
MILLEVOYE — *L'Inquietude.*

Quando ella disse „Io t'amo!“ e com virginio enleio Ergueu o olhar, ao ceo e á Deus, o coração.... Quando ella disse „Io t'amo!“ e cheia de expressão Sorriu mysteriosa, pousando a mão no seio....

Suspiro delator de ouzado devaneio
Do imo do silencio — vibrou pelo salão,
Como a córda da harpa, que em meio da canção Estalla e desfallece gemendo em doce aneio.

As moças todas riram!...sem dó, sem piedade,
Buscando, com o sorriso amargo da maldade,
Essa alma, que enlevada as azas desprende.

O canto terminou...e tudo foi assim;
Renovou-se o bolicio...o mofado, fui eu....
E o „t'amo!“ que ella disse, oh! céos! não foi p'ra mim.

Flumen Junius.

24 de Setembro de 1875.

Typ. Paulo Hildebrandt, r. d'Alfandega 87.



O Apostolo no apogeo da gloria
Nada lhe falta: o governo põe a seus pés tudo quanto elle pode desejar. ja teve as ordens a oppinião do conservatorio
dramatico e o chanfalho da policia.